

Che Guevara: um olhar diferente em relação à juventude

María Elena Ferrer*

As difíceis condições atuais impactam a juventude de um modo especial: sua inclusão trabalhista, seus canais de educação, sua vida familiar e todas as suas esferas de vida em geral mudam com a crise¹. Em maior grau do que para os adultos os caminhos que atravessa o país estão definindo o curso futuro de suas vidas.

Além disso, as transformações que se operam nesse heterogêneo grupo social restabelecem as interrogações acerca do lugar que os jovens ocupam na sociedade, da sua socialização e das implicações do relevo geracional para a continuidade do projeto da Revolução Cubana.

Em busca de respostas para essas interrogações propomos nos aproximar -- a partir de uma perspectiva sociológica -- do pensamento do Che sobre a juventude cubana, um elemento de singular originalidade e importância dentro de sua obra.

Reflexões sobre as idéias de Guevara, a realidade sobre a qual se constroem essas idéias e alguns elementos de sua própria vida que modelam seu pensamento são alguns dos objetivos deste trabalho, que também procura conectar essas idéias com a situação atual dos jovens cubanos, pois a leitura do passado se faz sempre a partir do presente.

Não se trata de fazer do Che o sociólogo que não foi, nem de transplantar suas propostas para uma realidade distinta, mas sim de mostrar que, se elas forem analisadas sem perder de vista

Guevara expõe um conjunto de idéias medulares para a Sociologia da Juventude.

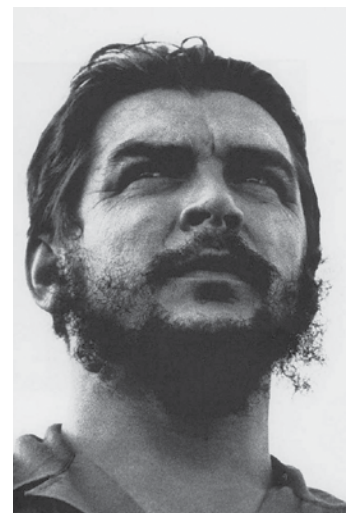
a realidade em que se sustentam, oferecem elementos-chave importantes para a investigação da situação atual desse grupo social.

Ao mesmo tempo, no Che podem-se acompanhar as idéias de um jovem, idéias que -- como já dizia Retamar² -- vão amadurecer --com o poder--, ao olhar de todos, e no fervor das profundas reestruturas sociais que se vinham produzindo em Cuba. De modo que, nelas, excluem-se enfoques parciais ou desconhecidos dos interesses e necessidades de tal grupo, problemas que aparecem em boa medida dentro do pensamento sobre juventude gerado quase sempre pelos adultos.

Freqüentemente abordadas a partir de outros ângulos (econômico, político e ético, dentre outros), as idéias do Che, expostas muitas vezes em discursos, reuniões de trabalho e em outras circunstâncias, vão conformando um sistema coerente do ponto de vista sociológico, e estruturam uma interpretação global da realidade social.

Guevara elabora uma concepção sobre a transformação da sociedade e intenta, desde o mundo subdesenvolvido, subverter a situação existente.

Á par disso, sua compreensão do movimento social, e da dialética *condições objetivas - consciência*, afasta-se da prevalente



naquele momento dentro do campo socialista: sua concepção do papel da consciência sublinha o caráter ativo dos sujeitos sociais (classes, grupos e indivíduos) e a necessidade de uma participação consciente na consecução das metas sociais.

Suas teses ajudam a conformar um modelo para verificar em que medida nos aproximamos ou não da formação dessa consciência -- vital na opinião do Che para nos aproximarmos de uma sociedade diferente -- e qual o grau em que as condições sociais objetivas nos permitem uma aproximação em relação a ela, o que é extremamente valioso para a análise sociológica. Além disso, Guevara expõe um conjunto de idéias medulares para a Sociologia da Juventude.

Se bem que em sua obra o tratamento da juventude não seja tão extenso quanto o de outros temas (dado que a luta antiimperialista e os problemas da transição socialista são o foco principal da sua atenção), ele atribui a esse grupo um lugar relevante, considerando-o como "o elo que aponta para o porvir".

Em escritos como *O socialismo e o homem em Cuba*, e em muitos de seus discursos, Guevara perfila uma concepção que incorpora elementos essenciais em dois momentos: em primeiro lugar, o

papel dos jovens e de sua organização política no momento da construção da sociedade socialista, e, em um segundo momento, como membros da sociedade comunista, de vez que sublinha a necessidade de formar outro tipo de Homem como condição para alcançar o objetivo proposto.

Uma aproximação da temática da juventude

Deduzir da obra do Che caminhos legítimos para o estudo de um fenômeno concreto e complexo como o que nos ocupa leva-nos em primeiro lugar a indagar qual foi o seu método de interpretação da realidade social.

Ante essa interrogação não cabe qualquer dúvida: ele considera que se deve ser marxista, porque em sua opinião esse é o nível mais alto alcançado pela Ciência Social de nossa época. Entretanto, essa teoria deve ser assumida em seu caráter dialético, criador e aberto.

Um autor define seu método favorito de se colocar diante do mundo como:

*... a discrepância que conduz a elaborações mais fecundas, o reexame permanente dos grandes temas, a deliberada ousadia do qualificativo, a coragem de encarar os grandes catafalcos e revelar sua oxidação: fossem eles os que correspondiam à ordem burguesa em que nasceu, fossem eles os que enfeitam o universo da construção socialista que escolheu como o âmbito da sua tarefa*³

A essa atitude beligerante de perfil tão juvenil Che adiciona uma boa dose de flexibilidade e admite: "Muitas vezes nos daremos conta do quão equivocados estávamos em conceitos que, de tão sabidos, eram parte nossa e automática de nossos conhecimentos"⁴.

Esse olhar crítico é um apelo a negar "a cópia mecânica" e as análises formais, tal como sugeriu aos próprios jovens, e a uma interpretação da realidade social no contato diário com ela.

Essa posição implica já em uma orientação no plano da juventude como objeto de estudo. Esse olhar crítico é um apelo a negar "a cópia mecânica" e as análises formais, tal como sugeriu aos próprios jovens, e a uma interpretação da realidade social no contato diário com ela.

Em acordo com seu método, Che propõe uma relação eminentemente prática com o teórico, e reconhece como um dos méritos da revolução cubana o de ter destruído as "teorias de salão" negadoras da possibilidade da mudança revolucionária. Ele, entretanto, indaga permanentemente sobre aqueles elementos da teoria que podem ser úteis para seu objetivo de transformação social, única via que enxerga para contribuir para a criação de um Homem verdadeiramente humano. Por isso sua vinculação à teoria é sempre revolucionária, ativa.

Essa filiação se faz cada vez mais profunda, como reconhece na carta de despedida para seus pais, onde aponta que seu marxismo está depurado e enraizado. Mas um dos traços mais distintivos de sua apropriação do marxismo está em que, ao assumir de forma ortodoxa a dialética, aponta sempre para a análise concreta dos fenômenos, e consegue ver a realidade do continente onde nasceu a partir de uma perspectiva latino-americana.

Dessa forma, vem de outra ótica o caminho que Leopoldo Zea, ao analisar o espaço da cultura e da filosofia latino-americana, havia indicado como correto:

O que tratamos de fazer - diz Zea - é adaptar nossas circunstâncias às idéias

*ou crenças da cultura européia. O que equivale a querer submeter a realidade às idéias em vez de fazer o contrário, isto é, adaptar as idéias ou crenças à nossa realidade*⁵

Che assume essa necessidade no sentido martiano, e com isso oferece uma das chaves mais sugestivas para o estudo atual da juventude, dado que essa demanda continua sendo, em termos gerais, uma intenção contrariada em boa medida por uma realidade econômica de forte dependência externa.

Alguns chegam por exemplo, seguindo essa linha, a associar a juventude com a idéia de uma "moratória psicossocial", na qual o jovem treinaria as diferentes possibilidades de inserção que lhe oferece a sociedade até selecionar a sua posição futura. Não se leva em consideração que esse enfoque de Erikson, embora possa perfeitamente refletir uma realidade européia ou norte-americana, constitui-se em uma falácia para a América Latina, onde a grande maioria dos jovens vive acabrunhada pela exclusão.

De outra parte, o latino-americanismo que caracteriza a obra guevariana, ao fundamentar-se no conhecimento da realidade da região, encontra-se ligado a um antiimperialismo radical, e é resultado de uma concepção de mundo profundamente humanista e revolucionária.

Analisando a situação do momento em que vive, o Che compreende que o imperialismo (essa categoria que alguns tentam negar hoje, mas que não perdeu seu caráter explicativo) "é um gigante com pés de barro", e entrevê que seu desmoronamento seria possível se

fossem cortadas as correntes de recursos que, fluindo em direção ao Norte, sustentam sua estrutura. O fim do imperialismo constituiria sem sombra de dúvidas o início de uma sociedade capaz de engendrar outro tipo de Homem.

Esse arrazoado, que não é expressão de uma aventura voluntarista como trataram de apresentá-lo seus detratores, mas fruto de um pensamento revolucionário maduro ante a realidade que observa, tem sua raiz na compreensão das reservas vitais do capitalismo como organização social:

Embora sua grande força atual não se veja seriamente afetada pelas formas mais violentas da luta de classes intestina visando à ruptura, prevista por Marx, do sistema capitalista, essa força reside fundamentalmente no poder monopolista extraterritorial que exerce através do intercâmbio desigual e da sujeição política de extensos territórios sobre os quais descarrega o peso fundamental de suas contradições⁶

Com Guevara se abre então uma nova perspectiva sobre a transformação da sociedade por meio da ruptura dos nexos entre os países imperialistas e os que continuam sendo suas bases econômicas de sustentação, os países do terceiro mundo. Seu enfoque capta a realidade daquele momento histórico em que a existência de contradições entre os blocos capitalista e socialista, e a situação objetiva do terceiro mundo, abriam caminhos propícios à transformação.

As conseqüências da não-realização dessas possibilidades históricas são hoje visíveis: seguindo a lógica do sistema, os países subdesenvolvidos, longe de melhorar, pioraram nas últimas décadas, motivo pelo



qual sua situação continua a ser essencialmente a que descrevera Guevara ao assinalar que os assim chamados subdesenvolvidos eram na verdade países coloniais, de economia distorcida pela ação do imperialismo, que desenvolvia anormalmente neles os ramos industriais ou agrícolas necessários para complementar sua complexa economia⁷.

Essa situação origina na América Latina desequilíbrios econômicos e sociais muito agudos que afetam particularmente os jovens. Ao comparar as dificuldades que eles enfrentam pode-se afirmar que a problemática juvenil transcende as fronteiras nacionais, e que sua solução passa em grande medida pelo reordenamento da sociedade.

O peso da dívida externa e os impactos da reestruturação do capital e do desenvolvimento científico e tecnológico configuram uma situação que, como já foi dito, converte os jovens latino-americanos em vítimas de uma dupla exclusão, ao constituir um setor desfavorecido no interior de uma região excluída, situação que se reflete em sua subjetividade carregada de desesperança e incerteza.

As mudanças estruturais promovidas pelo Che puderam constituir um muro de conten-

ção a essa situação, tal como ocorre em Cuba, onde os reajustes realizados em função da crise buscam uma redistribuição mais eqüitativa dos seus impactos, e onde embora tenham sido afetados os altos níveis de inserção juvenil (em questões como a educação e o emprego) os jovens não são excluídos.

As concepções de Che acerca da juventude são inseparáveis da sua visão sobre as tendências gerais do movimento social nesta conjuntura histórica. O movimento social, por sua vez, revela sua aceitação de uma proposta metodológica importante: a análise de um setor social como esse não pode ser feita à margem de um contexto mais geral, isto é, da consideração da mudança social.

Mas é importante, neste ponto, perguntar-nos que elementos favorecem essa apropriação do marxismo, a qual, de certa maneira, resgata a imagem de uma mudança em escala internacional formulada por Marx e Engels, e, no afã de reverter a situação dos países subdesenvolvidos, situa a juventude em outra perspectiva, pois o futuro imaginado não é possível sem relações sociais diferentes e é essa perspectiva a de maiores potencialidades para fundá-las, ao não estar marcada pelos vícios da sociedade anterior.

Há que se levar em conta que, no final da década de 50, começa a esgotar-se o padrão de acumulação do capital vigente na América Latina, e que a situação das massas populares galvaniza as forças progressistas do continente, situação que tem seu ponto alto com o triunfo da Revolução Cubana. Enquanto isso, a nível internacional se gestava uma crise econômica caracterizada pela queda das taxas de lucros e pela queda das taxas de investimento e produtividade, situação que conduziria a um forte ápice revolucionário nesta etapa histórica.



Esses fatores sociais, que têm um peso indubitável na conformação das concepções de Che, relacionam-se intimamente com outros, individuais, e confirmam a tese do sociólogo norte-americano Wright Mills acerca do esclarecedor que resulta, para a análise social, o ponto onde se interceptam as biografias individuais e a história.

Nesse sentido, há que destacar que “a grande presença inspiradora na vida de Guevara não é, a princípio, Marx, Lênin ou o exemplo revolucionário de outros, mas sim, simplesmente, a contemplação da América Latina, seu absorto e paulatino descobrimento”⁸.

Seu giro pelo continente durante a juventude, viajando a pé, de bicicleta ou de moto, e trabalhando para ganhar a vida, permitiu-lhe capturar uma realidade diferente daquela da classe a que pertencia, e lhe mostrou, como afirma a pesquisadora cubana Esther Pérez, a realidade dos índios, dos mineiros, dos leprosos, dos fotógrafos ambulantes... De modo que aquilo que logo tratará de identificar a partir da teoria havia integrado previamente sua experiência vital como indivíduo.

O giro pela América Latina lhe permitiu constatar a unidade da região para além das fronteiras artificiais traçadas pelo colonialismo, e lhe ajudou a compreender mais adiante sua comunhão de problemas e interesses com o resto do mundo subdesenvolvido.

Essa experiência de juventude perfila a personalidade de Che, reorientando suas metas individuais:

E pelas condições em que viajei, primeiro como estudante e depois como médico, comecei a entrar em estreito contato com a miséria, com a fome, com



as doenças, com a incapacidade de curar um filho por falta de meios, com o embrutecimento que provocam a fome e o castigo contínuo, (...) e comecei a ver que havia coisas que, naquele momento, me pareciam quase tão importantes quanto ser um pesquisador famoso ou fazer algum aporte substancial à Ciência Médica: e era ajudar a essa gente”⁹

Anos depois seu protagonismo social e político abonaria o rápido enriquecimento de suas teses, pois suas experiências como guerrilheiro, como comandante, como presidente do Banco Nacional de Cuba e como ministro de indústrias lhe dariam a conhecer profundamente um país que na década de 60 vivia um impressionante cenário de transformação social, e lhe permitiriam entrar em contato com outras realidades similares, vislumbrando a necessidade de buscar saídas de conjunto como condição para mudar sua história.

Sua experiência lhe permitiu compreender que, para fechar a brecha que continua escancarando-se hoje entre esta região e o mundo desenvolvido seriam necessárias transformações radicais, as quais seriam impossíveis sem a potencialização do fator

moral e sem a superação da alienação do indivíduo.

Um elemento central que deixa sua marca sobre a valorização da realidade social do Che é sua experiência geracional, pois, como descreve um de seus contemporâneos e compatriota, sua geração, testemunha de importantes processos políticos na Argentina, cursou a escola primária nos tempos da Guerra Civil espanhola; o colégio secundário durante a Segunda Guerra Mundial; viveu as vicissitudes do avanço do nazismo sobre a União Soviética e a contra-ofensiva soviética, e foi testemunha de mudanças a nível internacional, como o surgimento da República Popular da China, a independência da Índia, a derrota dos franceses no Vietnã, a libertação da Argélia e o surgimento do campo socialista.

A marca revolucionária de sua época vai perfilando sua personalidade em uma peculiar conjugação de fatores individuais e sociais.

Tudo isso nos leva a entender por que Che valoriza o tema da juventude cubana essencialmente em função de impulsionar a revolução, pois, convencido de que o Homem é, em grande medida, fruto de seu ambiente social, em particular das relações de produção instauradas, considera que, sem mudar estas, é impossível ter uma juventude plena. Ao mesmo tempo, Che avalia as condições internacionais desse momento como favoráveis para alcançar esse objetivo em escala internacional.

Isso implica também que, na análise da juventude cubana, não se perca de vista o cenário regional e o que o país representa dentro dele como expoente de um ordenamento sócio-político distinto.

Para os jovens cubanos daquele momento isso se constituiu em uma referência, pois



Nos países ex-socialistas da Europa do Leste, a reflexão acerca do grupo juvenil absolutizou as diferenças de classe enquanto se subestimavam outras fontes importantes de diferenciação não-classistas, como os grupos de idade, de gênero, a situação territorial etc.

eles, na voracidade da mudança revolucionária (que abriu um amplo caminho de mobilidade territorial e ocupacional), deveriam contribuir para fazer realidade essa alternativa diferente.

Na prática, como mostram os resultados de pesquisas sociológicas, as gerações que eram jovens nas primeiras décadas da Revolução alcançaram uma participação muito elevada dentro de um contexto de ampla mobilização popular. Isso corrobora uma apreciação do Che pela qual aponta: “o importante é que os homens vão adquirindo cada dia mais consciência da necessidade de sua incorporação à sociedade, e ao mesmo tempo da sua importância como motores da mesma”¹⁰.

Na indagação de caminhos válidos para abordar a juventude como objeto de estudo dentro do pensamento guevariano, outro elemento medular é a análise classista.

Esquemmatizando (e, portanto, simplificando em grau extremo) a manifestação desse princípio dentro da Sociologia da Juventude em dois níveis, um geral e outro específico, poderiam identificar-se duas posições pouco construtivas.

A primeira, a nível geral, nega as diferenças classistas em sua acepção marxista e assegura um papel importante às diferenças de geração como fonte do movimento social, pelo que sujeita este aos limites da ordem estabelecida.

A nível específico, essa posição considera as diferenças internas da juventude a partir de estratos, os quais descrevem

posições sociais diferentes segundo um conjunto de elementos de similar ordem hierárquica. A inclusão nesses estratos se apresenta como algo natural e inevitável, e as possibilidades de passar a um estrato superior como algo que depende da capacidade ou da sorte do indivíduo, encobrindo muitas vezes os mecanismos sociais que determinam essa situação.

A segunda posição se associa à sociologia dos países ex-socialistas da Europa do Leste, a qual, em muitos casos, absolutizou as diferenças classistas e apenas reconheceu outras (incluídas as geracionais), limitando a reflexão acerca do grupo juvenil, questão que influi diretamente sobre o nível mais concreto, onde ao considerar as diferenças internas da juventude se sobrevalorizam as diferenças de classe enquanto se subestimavam outras fontes importantes de diferenciação não-classistas, como os grupos de idade, de gênero, a situação territorial etc.

Essas posições, que aqui se apresentam caricaturadas, mas que com diferentes matizes e variantes orientam a investigação sociológica concreta do tema que nos ocupa, nos fazem indagar a opinião do Che a respeito.

Conseqüente com sua posição teórica e com a realidade que observa, Che atribui um peso fundamental à composição sócio-classista ao considerar qualquer fenômeno social, e trata de utilizar esse dado para o prognóstico.

Assim, por exemplo, caracteriza o ataque a Girón¹¹ como “... a luta dos exploradores que

havam perdido o poder contra os explorados que haviam tomado o poder e liquidavam aquela classe”¹². Com respeito à juventude, seguindo essa constante do seu pensamento, pode-se inferir que, ao considerar as heterogeneidades que atravessam o grupo naquela circunstância, tivera em conta o peso fundamental das diferenças classistas no interior do mesmo.

Isso se evidencia quando, ao dialogar com os estudantes em 1964, aponta que as contradições na esfera estudantil e a luta entre as diferentes instituições educacionais era o reflexo da luta entre uma classe social que não queria perder seus privilégios e uma nova classe ou conjunto de classes sociais que estavam tratando de adquirir seus direitos à cultura. Ou quando descreve o que significará para o país a mudança de extração social do estudantado de nível superior.

Entretanto Che se distancia das posições mecanicistas que aprisionam o Homem a partir de sua procedência, qualificando-as como oportunistas, e assevera:

*Mas não devemos olhar com fatalismo o futuro, e dividir o homem em filhos da classe operária ou camponesa e contra-revolucionários, porque é simplista e porque não é certo, e porque não há nada que eduque mais a um homem honrado que o viver dentro de uma revolução*¹³

Che também reconhece que nesta etapa da vida podem chegar a ser mais importantes que a extração social individual o frescor de ideais e a cultura, que no momento em que se encerra a adolescência podem colocar-se a serviço dos mais puros ideais, pois a inserção social do jovem é todavia recente e eles não atuaram suficientemente sobre



os mecanismos sociais que, nos regimes de opressão, vão modificando essa estrutura mental própria da idade juvenil¹⁴.

As pesquisas têm confirmado, no caso de Cuba, apesar do tempo transcorrido, o forte peso das diferenças sócio-classistas e a relevância desse elemento para a compreensão dos problemas da juventude.

Existe outra chave que oferece o Che para aqueles que se dedicam à pesquisa sobre um grupo social tão importante: seu reconhecimento da influência do meio sobre a atividade científica e da necessidade de manter uma postura de honestidade intelectual. Aqui não se trata da juventude como objeto de estudo, mas sim da atitude de quem se coloca diante desse objeto.

Para o Che, que analisa esse assunto a partir da pesquisa artística, a pesquisa que se realiza nos marcos do capitalismo “... tem seus limites imperceptíveis até o momento de chocar-se com eles, vale dizer, até o momento em que se colocam os reais problemas do Homem e de sua alienação”¹⁵.

Se exige portanto não só do talento dos pesquisadores mas também de sua decisão como indivíduos a contribuir com o melhoramento humano, o que sublinha o aspecto ético da atividade científica e a elevada responsabilidade do intelectual.

O intelectual, em sua opinião, tem uma alta responsabilidade, e por isso no caso de Cuba advertia:

Nossa tarefa consiste em impedir que a geração atual, deslocada por seus conflitos, se perverta e perverta as normas. Não devemos criar assalariados dóceis ao pensamento oficial nem “bolsistas” que vivam ao amparo do investimento, exercendo uma liberdade entre aspás. Já vêem os revolucionários que entoem o canto do Homem novo com a autêntica voz do povo¹⁶

Por isso criticou os erros cometidos nos países socialistas dentro da esfera da cultura assinalando:

A cultura geral se converteu quase em um tabu e se proclamou como o supremo da aspiração cultural uma representação formalmente exata da natureza, convertendo-se esta, logo, em uma representação mecânica da realidade que se queria fazer ver; a sociedade ideal, quase sem conflitos nem contradições que se buscava criar¹⁷

Essa postura de honestidade intelectual exercida por Guevara, sua valentia para reconhecer o mal feito, para identificar os erros na construção de uma sociedade inédita, o situa no centro dos problemas a partir de onde busca soluções distintas.

Sua aproximação em relação ao controvertido setor juvenil nos coloca, em síntese, várias chaves importantes, entre as quais vale destacar:

- O exemplo de uma utilização não-dogmática do método materialista-dialético, que insere a análise da juventude em uma concepção mais abarcante sobre os componentes da sociedade e a direção do movimento que esta segue;

- A inter-relação entre os cenários nacionais, regionais e mundial e a necessidade de tê-los em conta;

- A consideração da análise classista dentro da complexa e cambiante realidade social como instrumento para a diferenciação interna do grupo, mas não como determinante absoluto, senão como elemento mediado pelo conjunto de relações econômicas e sociais concretas;

- O elemento ético como orientador da conduta do intelectual e a responsabilidade do pesquisador que não se concebe à margem de sua atividade transformadora.

Esses elementos trazem uma aproximação original em relação ao tema da juventude, que se confirma na compreensão guevariana do processo socializador. ●

* **MARÍA ELENA FERRER** é socióloga cubana, especialista na temática juventude e geração; pesquisadora do Centro de Estudos Psicológicos e Sociológicos do Ministério de Ciências, Tecnologia e Meio Ambiente de Cuba; co-autora de Jovens cubanos: expectativas nos anos 90.

Este artigo constitui-se da introdução e do primeiro capítulo do livro Che Guevara – Uma mirada diferente hacia la juventud, publicado originalmente em Havana em 1996 (Ediciones Abril) e ainda inédito no Brasil. Tradução de Maria Laura Porcel Iturralde.

NOTAS

- 1 A autora se refere à realidade cubana (nota da tradutora).
- 2 Roberto Fernández Retamar, Havana, 1930. Ensaísta, poeta, professor, editor. Presidente da Casa das Américas (nota da tradutora).
- 3 GUTIÉRREZ, Carlos Maria. Os motivos do Che. *Revista Casa das Américas*. Havana, no. 54, 1969, p.6.
- 4 GUEVARA, Ernesto. O médico revolucionário. IN: *Che Guevara. Obras 1957-1967*. T. II. Havana: Ed. Casa das Américas, 1970. p.77.
- 5 ZEA, Leopoldo Zea. América como consciência. México: Fundo de Cultura Econômica, 1957. p. 47.
- 6 GUEVARA, Ernesto. Cuba, sua economia, seu comercio exterior. IN: *Op. Cit.* p.364.
- 7 GUEVARA, Ernesto. Cuba: exceção histórica ou vanguarda da luta anticolonialista? IN: *Op. Cit.* p.409.
- 8 GUTIÉRREZ, Carlos Maria. Os motivos do Che. IN: *Op. Cit.* pp. 70-71.
- 9 GUEVARA, Ernesto. O médico revolucionário. IN: *Op. Cit.* pp. 70-71.
- 10 GUEVARA, Ernesto. O socialismo e o Homem em Cuba. IN: *Op. Cit.* p. 374.
- 11 A autora se refere ao episódio da invasão da Baía dos Porcos, que se deu precisamente na Praia de Girón (nota da tradutora).
- 12 GUEVARA, Ernesto. Antônio Guiteras. IN: *Op. Cit.* p. 624.
- 13 GUEVARA, Ernesto. O médico revolucionário. IN: *Op. Cit.* p. 75.
- 14 GUEVARA, Ernesto. Discurso no encerramento do Encontro Internacional de Estudantes de Arquitetura. IN: *Op. Cit.* p. 220.
- 15 GUEVARA, Ernesto. O socialismo e o Homem em Cuba. IN: *Op. Cit.* p. 378.
- 16 Ibid. Ibidem.
- 17 Ibid. Ibidem.